
**Entrevista concedida pelo Diretor Geral
do CEFET Campos, Dr. Roberto
Moraes Pessanha, à Dra. Arlete
Parrilha Sendra, membro do Conselho
Editorial da Revista *Vértices*, no estúdio
da produtora de vídeo.**

ENTREVISTA

Vértices – *Professor Roberto, gostaria que você rebobinasse sua história dentro da Escola Técnica Federal de Campos, hoje, CEFET, porque acreditamos que chegar à direção da Escola exige todo um trabalho anterior.*

Roberto – Essa é sempre uma pergunta muito difícil para mim. Por minhas características individuais, há certa dificuldade de falar de mim propriamente e das coisas que me envolvem. Entrei na Escola com 11 anos de idade e nunca passou pela minha cabeça naqueles sonhos que a gente tem nessa idade, a possibilidade de ser professor nem de ser dirigente máximo desta Instituição. Prestei concurso em 84/85 e assumi em 13/03/86 na vaga deixada pelo Professor Fernando Fritsch Duncan. Também não imaginei que um dia estivesse na condição de diretor desta nossa querida Instituição. As coisas aconteceram, e essa rebobinagem é para mim uma coisa muito especial. Fiz o Curso de Engenharia e, retornando, passei a olhar a Instituição de outra forma. No momento em que retornei como professor fiz o curso para professor, para obter licenciatura, curso chamado emergencial de Esquema, que para mim foi de fundamental importância, quando estava na Direção o Professor Luciano D' Angelo. Nesse curso, aprendi como é trabalhar com adolescente, discuti um pouco a questão psicologia, aprofundei a discussão a respeito das políticas educacionais, e esse embasamento é que fez com que, mais adiante, eu pudesse aproveitar a Especialização na área de Engenharia de Segurança do Trabalho para coordenar a implantação de um curso técnico nesta área aqui na Instituição. Isto me deu uma experiência no sentido de tomar contato com a parte administrativa e com a parte política da Instituição. Num segundo momento, fui lembrado a participar da eleição para a direção. Isto me honra muito, passar da condição de aluno, de professor, a Diretor Geral. É uma satisfação pessoal, embora os desafios e os sacrifícios sejam muito grandes.

Vértices – *Professor Roberto, acreditamos que a liderança que você assumiu na Escola revela, sem dúvida, seu espírito guerreiro. Entretanto, você sempre se engajou politicamente. E eu perguntaria se essa questão política na qual você se engajou em diversos momentos trouxe algum problema para as questões institucionais. Como você a administra?*

Roberto – Acho que é uma pergunta muito interessante, porque no processo de disputa, quando estão em choque as diferentes visões de administração, de políticas educacionais, essa questão vem à tona quando se tem o debate na comunidade para escolher seu dirigente. A militância política, principalmente a partidária, às vezes é muito questionada, e, muitas vezes, colocada de forma pejorativa. Eu não jogo fora a experiência que adquiri em vários momentos, especialmente na época da luta pela redemocratização do país, quando as forças políticas se mobilizaram. Aí vivi a experiência de ser dirigente da UEE (União estadual dos Estudantes – RJ). Mas não tive dificuldades, sinceramente,

neste ponto eu nunca tive dificuldades, de saber distinguir muito bem o que é militância partidária e o que é a responsabilidade de dirigir uma Instituição Educacional e saber conduzir esta Instituição, conversando com as forças políticas que têm representação, designadas pela população, estivessem elas em que partido estivessem, tanto a nível do Executivo, no plano Municipal, no plano Estadual como no plano Federal

Vértices – *Você falou em políticas educacionais. Há uma questão que penso bastante curiosa: a questão do CEFET/Campos. Desde a década de 80 se trabalhou, se buscou realmente cefetizar a Escola e naquele momento, Campos estava entre as três escolas com maiores possibilidades de serem cefetizadas. Entretanto, outras escolas cefetizaram-se primeiro. Por que Campos demorou tanto?*

Roberto – A cefetização para nós foi um desafio quase impossível de ser transposto. Em 1978, o governo militar instalado compreendeu que a rede de Escolas Técnicas federais deveria subir a um outro patamar e poder acessar aos cursos de Engenharia Operacional. Isto fez com que a Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, do Rio de Janeiro, a ETF do Paraná e a de Minas Gerais, fossem transformadas em CEFETs. Em 1988 estivemos perto deste sonho, junto com a ETFSP e ETFBA. As avaliações prosseguiram sem que nada de concreto fosse decidido, até que em dezembro de 1994, se conseguiu aprovar no Congresso Nacional a Lei 8.984 a possibilidade da transformação de todas as ETFs em CEFETs, mas não houve tempo para esta regulamentação junto ao então Ministro Murílio Hingel. Com a posse do Presidente Fernando Henrique e logo a seguir do Ministro Paulo Renato, essas questões foram retomadas e revogadas algumas Medidas Provisórias, alguns decretos, alguns artigos, inclusive o que trata do Sistema Nacional de Educação Tecnológica. Depois de uma série de mobilizações políticas, mostramos ao Governo Fernando Henrique e ao Ministro da Educação que era importante, dentro do cenário de desafio de avanço da tecnologia, do estratégico movimento de industrialização e de reforma do setor produtivo, que as nossas Instituições tivessem possibilidade de verticalizar efetivamente o ensino. Conseguimos fazer com que o governo, através de um decreto, regulamentasse a lei. Isto coincidiu com um grande debate de Reforma do Ensino Técnico e aproveitamos o momento para discutir a cefetização que fazia parte desta reforma. Conseguimos convencer o Ministro a modificar esta forma de ver os CEFET's.

Vértices – *Era exatamente o que eu perguntaria a você agora. Com o CEFET, na verdade, o que mudou? Como o CEFET se posiciona, já que ele prepara a mão de obra, prepara o homem para amanhã, como ele se posiciona diante dessa questão tão séria de desempregos? Minha pergunta central é esta: o CEFET abre outros campos de integração no mercado de trabalho, ou os cursos são os habitualmente tradicionais?*

Roberto - É importante a gente identificar e eu tenho dito muito, embora a gente tenha passado por um processo de avaliação, não é como se fosse um vestibular. Éramos Escola, agora passamos a ser CEFET simplesmente. É verdade que novas e desafiadoras responsabilidades são colocadas para esta Instituição, para seus servidores e para a comunidade como um todo. Nós não deixamos de ser uma escola na essência de ser uma Instituição que produz saber, que trabalha fundamentalmente com educação. A diferença é que hoje, diferentemente do que foi o CEFET em outras ocasiões, eles não conseguiram concretizar um de seus principais objetivos: verticalizar o ensino tecnológico. Não porque eles não quisessem, mas a legislação do antigo Conselho Federal de Educação não permitiu, ao vedar o aproveitamento de estudos em níveis de escolaridade diferentes. A proposta dos CEFETs alcança também a qualificação básica, onde o ensino profissional é ofertado para pessoas independente do seu nível de escolaridade e, também, existe a possibilidade de atuar na pós-graduação. Hoje, uma

possibilidade se abre com as novas deliberações do atual Conselho Nacional de Educação que é o de se aproveitar os estudos na educação profissional, em níveis de escolaridade diferentes, o que permitirá se eliminar a figura do vestibular, fazendo que o aluno do curso técnico de nível médio chegue até ao nível superior no curso de tecnologia, e ainda reduza o tempo de estudo necessário nestes cursos ao aproveitar o que foi aprendido no curso técnico. Estamos trabalhando a nível nacional para que a nossa rede, dos CEFETs, faça isso de uma maneira uniforme, valorizando os cursos de tecnologia que estão ganhando uma nova importância. Este é outro ponto importante os cursos de tecnologia, estão ganhando uma nova importância. Com a nova LDB, não existem mais cursos de curta duração e os plenos, como era comum nas licenciaturas. Todos agora são de nível superior, o que muda é a natureza, as características de cada um destes cursos. Os cursos de Tecnologia são de graduação e de nível superior, não há discussão sobre isso. Estamos muito empenhados nesta busca da verticalização, que é a possibilidade do aluno que concluiu o 2º grau vir para a Instituição e em aproximadamente um ano e meio, fazer o estágio, ser técnico e ir ao nível superior sem precisar passar por vestibular. Queremos evitar o que hoje ocorre com o nosso Curso de Tecnologia em Informática, onde num processo seletivo muito concorrido, quase 1500 candidatos para 32 vagas. Aproximadamente 50 candidatos/vaga. Na primeira seleção deste curso, dos 32 alunos selecionados, 25 eram ex-alunos de Informática ou Processamento de Dados. Estes ficaram ou ficam repetindo assuntos que já conhecem e os demais alunos, reclamando do nível adiantado das aulas. O aproveitamento pode reduzir até dois semestres.

Vértices – *Eu vou interrompê-lo, porque não quero perder a oportunidade de perguntar a você, se esses vestibulares, de 50 candidatos para 1 vaga, não elitizam o CEFET?*

Roberto – Com certeza, um processo de seleção com essa relação de candidato-vaga, acaba por selecionar efetivamente os melhores candidatos e, como a gente sabe, os melhores, os mais bem formados no Ensino Médio guardam uma relação muito direta com o nível sócio econômico, até por saber que o aprendizado e o conhecimento não é obtido exclusivamente na escola, que existem outros fatores que contribuem. As pessoas que têm maior poder aquisitivo, têm mais acesso à informação, e aprendem em outros lugares, que não exclusivamente na Escola, principalmente este saber mais formal que a Escola exige no processo seletivo, e eu considero que a Instituição tem que refletir sobre isto. E este é um dos desafios que as instituições de Ensino Superior vão precisar resolver.

Vértices – *Você falou na questão da comunidade e eu perguntaria, como a Escola está atuando junto à comunidade, que tipo de cursos a Escola vem propiciando às comunidades carentes?*

Roberto – Eu qualifico que esse é um dos avanços mais significativos que conseguimos empreender. Quando começamos a nossa gestão, nós nos detivemos muito em atender as demandas específicas que nos chegavam. Fizemos convênios com diversas instituições comunitárias: cooperativas, sindicatos de trabalhadores, associações de moradores, etc.. No início, os pedidos eram de pequenas doações de materiais, considerados dispensáveis na Escola, mobiliários escolares, máquinas de escrever, etc.. Outro pedido comum eram e continuam a ser permanentes: a utilização dos espaços físicos como auditórios, quadras, salas de aula, concha acústica, etc.. O gerenciamento disso é muito complicado, mas nós compreendemos que esse é o papel de qualquer Instituição Pública, isto é, servir ao público, sabendo distinguir até nesta questão pública, o público do privado. O ponto que avançamos mesmo foi na qualificação básica, onde construímos uma nova leitura para a qualificação profissional, que são cursos de menor duração nas diversas áreas técnicas que temos aqui instaladas e também em algumas áreas de conhecimento geral. Isto já pode ser oferecido, com laboratórios, equipamentos, e, principalmente, recursos humanos existentes dentro desta Instituição. Verificamos que havia possibilidade

de diversificar a oferta da educação, de cursos e de serviços a serem prestados. Em muitos momentos, nós identificamos estes cursos como um simples adestramento de mão de obra, e agora identificamos que nós podemos fazer algo maior, que até o próprio mercado de trabalho está exigindo, que são competências mais amplas, capacidades de desenvolver habilidades de cunho geral e que exige, em paralelo, o aumento da escolaridade. Começamos com isso a trabalhar com segmentos, inicialmente com meninos carentes, meninos de rua, com a Instituição Casalar, em projetos como foi o projeto João de Barro, onde ele aprendia a construir. Com o avançar deste projeto percebemos que os alunos quando entravam na escola começavam a identificar outras necessidades. Eles queriam ter aulas de esportes, queriam usar a piscina e, para curiosidade nossa, eles queriam aprender inglês, devido ao diversificado número de palavras que ouviam neste idioma. Possibilitamos também o aprendizado de informática e isso foi fazendo com que a gente fosse experimentando, com professores e coordenadores, outras experiências. Atendemos também sindicatos de trabalhadores preocupados com a demissão de funcionários que não tinham o conhecimento das novas tecnologias.

Os empregados demitidos da CERJ constituíram uma cooperativa e buscaram a nossa Instituição não para aprender simplesmente a parte técnica, mas para aprender espanhol e poderem, desta forma, negociar com os novos proprietários da CERJ. Dominar melhor o português porque identificavam que eles precisavam interpretar melhor os diversos textos, inclusive os legais, cientes de que sua atribuições, antes específicas, agora eram mais amplas e diversificadas. Todas essas experiências acabaram gerando uma Incubadora de Cooperativas de Trabalho, envolvendo pessoas da escola, alunos formados, alunos que estão se formando com pessoas da comunidade, que estão vislumbrando alternativas de gerar trabalho e gerar renda. Outra experiência, que também para nós está sendo extremamente gratificante, foi a Unidade Móvel, que nós pesquisamos e construímos a um custo relativamente barato, dentro do orçamento da Instituição, que é um caminhão equipado, inicialmente, no seu baú com 9 computadores. Seu objetivo é atender as comunidades carentes e excluídas do processo da educação formal. Não propriamente com a visão de ensinar só informática, pelo modismo, embora este modismo até permita a inserção no mundo do trabalho. Mais que a inserção profissional é a possibilidade do resgate da cidadania, da busca da auto-estima de pessoas que não têm alternativas para estudar e ter acesso a alguma grande formação tecnológica. Ela já atendeu aproximadamente mais de 1000 alunos. Normalmente fica 2 semanas em cada comunidade e também em outros municípios, atendendo comunidades que nunca esperavam ter acesso a um curso da Instituição, porque não exigiam necessariamente uma escolarização prévia. O objetivo maior é estimular essas pessoas a buscarem um aumento de sua escolarização formal, o que seria verdadeiramente a construção da cidadania e novo contato com a escola, voltando a conviver dentro de um processo de educação continuada.

Com relação às parcerias, a Escola tem aproximadamente mais de 150 instituições em sistema de convênio. É certo que, em sua maioria, são convênios para estágio que a Instituição sempre teve, mas existe uma série de outras instituições que nós temos parceria e que não são exclusivamente para isso, como por exemplo a UENF, FENORTE, INCRA, FINEP, FMC, SEBRAE, parceiro em nossa Incubadora de Cooperativas de Trabalho e outras. Essas parcerias todas, seja com segmentos privados ou com segmentos públicos e ou comunitários, têm como objetivo principal promover o desenvolvimento regional.

Vértices - *Bom, Roberto, na verdade o que a gente depreende de tudo que você falou é que a Escola derrubou os muros que a separavam da comunidade e se integrou, mas a gente sente também que com sua viagem ao Canadá, ela derrubou os muros aqui e fez uma ponte com o Canadá, como é que é isso? A Escola e o Canadá, conta essa experiência que você teve tão recente.*

Roberto - Nós tivemos esta oportunidade, por um convite do Ministério da Educação. Aliás, eu defendia, junto com alguns dirigentes, logo depois de assumir, de que não só os dirigentes, mas também

os professores, coordenadores das nossas Instituições precisavam conhecer experiências diferentes de Educação Tecnológica no mundo. Não para copiar modelos, mas para conhecer experiências e verificar o que poderia ser aproveitado. Nesse sentido, tivemos a oportunidade, num curso de Gestores de Educação Tecnológica, através de convênio com a Universidade de Oklahoma, conhecer a experiência americana. Depois nós tivemos um contato com a OIT através do Centro de Formação Profissional em Turim onde nós fizemos alguns contatos, algumas das nossas então Escolas Técnicas, especificamente quatro: Pernambuco, Campos, Goiás e Pelotas, para desenvolver um Centro de Formação de Formadores, principalmente da área tecnológica. O convite do Governo Canadense para que nós o visitássemos e firmássemos um acordo de cooperação entre os dois países. No Canadá fomos muito bem recebidos. O jeito do povo Canadense, parecido com o brasileiro, apesar de todo o frio me surpreendeu. Quando fazia referência ao Rio de Janeiro era uma festa. A receptividade foi muito grande. O interessante era o desconhecimento no que dizia respeito à nossa capacidade de produção de petróleo. O acordo entre o governo brasileiro e o canadense está sendo negociado, a partir do relatório que encaminhamos ao Secretário Rui Berger. Mais que isso, existe a possibilidade de cooperação entre províncias e cidades canadenses, com governo do Estado do Rio e a Prefeitura de Campos, independente do acordo principal do Ministério da Educação. Espero que até o final do ano tenhamos novidades, tanto para a região, quanto para o intercâmbio que permita a capacitação de professores em cursos nos Institutos Tecnológicos canadenses que são de excelente qualidade.

Vértices – *Já que a gente está falando da questão do petróleo, eu faria duas perguntas a você: a 1ª é a questão a UNED de Macaé e também quais são os grandes parceiros da Escola nessa dinamização, nessa linha dinâmica de ação que é que a Escola tem tido com parceria real?*

Roberto – A UNED Macaé está num processo ainda de amadurecimento, principalmente quando comparado com a sede. Nos primeiros momentos de organização da UNED Macaé houve um sentimento de que ela precisava ser igual a Campos, então foi preciso que ela amadurecesse no sentido de se compreender. Nós estamos esse ano completando 90 anos, a UNED Macaé completou em agosto 6 anos de funcionamento. É necessário compreender essa diferença de cultura, o processo de maturação e até as próprias instalações, a capacidade dos seus laboratórios e etc. A UNED avançou nesses anos, estruturando mais três habilitações: Informática, Turismo e Telecomunicações, além das duas já existentes, Eletrônica e Eletromecânica. Ela está bem instalada nessas cinco habilitações. Há necessidade de avançar em alguns desses pontos. Assim como a sede, ela tem uma parceria muito interessante com empresas, com a prefeitura de Macaé. A UNED não é mais considerada um apêndice, um anexo, mas parte de um sistema que se chama CEFET Campos, com um grau de autonomia que está sendo amadurecido e que passa, inclusive, pela escolha direta de seu dirigente. Hoje existe um quantitativo de recursos para lá serem gastos, do total do orçamento da Instituição.

Vértices – *Eu gostaria que você também me falasse um pouco sobre a questão da área de humanas dentro da escola, como é que ela vem se processando, porque normalmente quem está fora tem sempre a impressão de que a escola está voltada para a técnica, especificamente para os cursos técnicos, para a tecnologia, etc. e a gente pergunta: onde está ficando o homem ainda que você tenha colocado agora há pouco a questão da escola sem muros chegando a diversas comunidades, mas eu pergunto, especificamente, a área de humanas, aqui dentro, como está sendo tratada?*

Roberto – Bom, nós podemos ver isso em dois momentos, primeiro o momento anterior à reforma que o governo fez através do decreto 2208 quando separou a formação geral da formação tecnológica.

São dois momentos distintos, embora possam ser desenvolvidos paralelamente de forma concomitante, isso significa duas matrículas. Quando isso foi determinado, o governo também limitou o quantitativo de vagas em 50 %, que até então ofertávamos para quem tinha exclusivamente o 1º grau. A partir daí passou a ser oferecido o ensino médio, este, visto aqui por nós, é uma educação de cunho geral com nível médio, e que permite ao aluno que nele ingressa fazer o curso técnico se for do seu interesse e sair formado exclusivamente no ensino médio e poder buscar ou o mercado de trabalho em outras áreas ou mesmo a universidade. Essa redução de vagas contribuiu para elitizar o ensino na nossa Instituição e isto está nos preocupando.

Na medida que houve a mudança, a nossa clientela, 75% oriunda de escola pública, está mudando seu perfil. Isto poderá ensejar mudanças na direção de garantir um percentual de vagas para alunos oriundos da rede pública. Eu não posso precisar qual seria esse, porque a pesquisa é que vai indicar isso, mas nós não ficaremos paralisados se aquilo que nós já estamos desconfiando for certificado com a apuração dos números. Temos cada vez mais reforçado a preocupação com a formação geral e humanística, estabelecendo algumas ações que a gente considera multidisciplinares, nem sempre vividas exclusivamente no ambiente de sala de aula. Uma dessas ações foi o atendimento da Biblioteca, melhorando a qualidade do seu acervo, de forma que não fosse exclusivamente técnico. Mais do que dobrar o número de volumes, ampliamos a sua área física, objetivando torná-la um local onde se estuda, pesquisa, lê jornal, vai à Internet e se tem acesso a livros de interesses mais gerais. Em nossas visitas a ela, percebemos que os alunos estão sempre presentes. A assinatura de periódicos também foi ampliada, atendendo a todas as pessoas que solicitam assinaturas.

Outra iniciativa foi a remodelação do campus da Escola. Em alguns momentos há alguns questionamentos que eu considero até pertinentes, no sentido de que há uma preocupação relevante com o espaço físico em detrimento de outras questões educacionais, mas uma administração um pouco mais organizada e criteriosa permitiu melhorar o campus e oferecer um ambiente agradável aos nossos alunos, para ficar e conviver. Nós, professores, tendemos a ser muito egoístas e imaginar que só se aprende em sala de aula, dentro das quatro paredes da sala ou de um laboratório e a gente sabe que não é verdade. É preciso estimular o convívio neste ambiente de aprendizado que deve ser a Escola, estimulando o contato entre os alunos numa troca permanente de experiências em diversos setores. Esta é uma formação humanística, embora indireta, mas com uma visão multidisciplinar.

Nós organizamos também o Centro de Artes dentro da Instituição. Criamos as oficinas de música, teatro, artes plásticas e fotografia. Aproveitamos a organização do currículo do ensino médio e do ensino técnico e envolvemos, num trabalho conjunto, alunos, professores, e servidores técnico-administrativos, transformando o ensino de arte numa atividade prazerosa entre alunos e professores, estes nem sempre com formação específica na área, mas técnicos e servidores administrativos que, possuindo veia artística, se colocam à disposição na partilha de conhecimentos e habilidades.

Com a mudança para o ensino médio e conseqüentemente com um número menor de alunos, por determinação legal, o tempo disponível dos professores passou a ser direcionado para outros trabalhos. Alguns professores estão atuando nos cursos de Qualificação Básica, enquanto outros, em parceria com instituições estaduais, estão voltados para a capacitação de professores, inclusive de outros municípios, buscando desenvolver habilidades e competências que subsidiem esses professores na evolução do aluno, tanto na parte teórica como de materiais, que são elaborados nos laboratórios de nossa Instituição. Alguns desses professores têm permanente contato com nossos docentes no sentido de dirimir dúvidas e na tentativa de solucionar problemas, usando, muitas vezes, horas ociosas de nossos laboratórios para darem aulas a seus alunos.

Está em fase de organização o NTCC (Núcleo de Tecnologia e Ciência da Cognição) que se propõe a desenvolver projetos de Educação à distância, visando à ampliação do ensino, tanto da área técnica e de formação geral. Este núcleo também programa a organização de um curso de Licenciatura em Ciências, projeto este não só do CEFET Campos como também dos outros estados, que objetiva cobrir o grande déficit de professores nas áreas de Ciências, Química e Biologia.

Vértices – *Professor, administrando essa complexidade toda, eu perguntaria: Que tempo para o ócio? Que tempo para o lazer? Que tempo para o hobby?*

Roberto – Isso me preocupa muito. As pessoas que dirigem uma instituição precisam de tempo para o lazer e até se diz, muito comumente, que a tecnologia veio para se trazer mais ócio, mais tempo para o lazer, mas, contraditoriamente, o que a gente tem observado não é isso. As pessoas tem usado cada vez mais o tempo do descanso, do lazer para estarem na Internet, buscando mais informações, trabalhando em casa para produzir mais. É preciso se policiar, mas isso faz parte de um aprendizado que, profissionalmente, a gente vai precisar ter, ser um pouco mais disciplinado com a vida pessoal, pois muitas vezes não há como render profissionalmente se você não tiver esse espaço e eu, particularmente, careço muito disso.

Meus filhos estão crescendo. Hoje, na faixa de 8 anos, conseguem compreender um pouco mais o porquê do pai estar afastado tanto tempo, e até por isso, tanto eles como eu aprendemos a aproveitar o pouco tempo juntos melhor, mas é muito difícil, e aí não é só com os filhos, é com a esposa, com os pais e isso sempre traz muitos questionamentos na dedicação que a gente faz à vida profissional. Não me causa arrependimento, pois entendo que isso faz parte e não é para toda a vida, principalmente quando você tem uma atribuição executiva, que depende muito de estar animando, mobilizando. E o papel dos dirigentes não é daquele que faz tudo mas daquele que sai animando diversos atores que estão na Instituição. Ao conversarmos com os alunos, entendemos o que está acontecendo e isso toma tempo. São quase 100 turmas e estar presente não é fácil. Com os professores, que estão em número cada vez maior, então, é mais difícil esse contato. Além disso, há ainda contatos com a comunidade externa para efeito de parcerias, as idas a Brasília para fazer o CEFET acontecer etc.. Saber mesclar isso e ter um tempo ideal é sempre muito complicado e eu devo dizer que a vida pessoal fica muito prejudicada. Levando em conta tudo isso é que veio a decisão de não colocar meu nome na próxima disputa. No dia 07 de julho completei cinco anos de gestão, num período de transição ETFC para CEFET e compreendo que foi por um tempo adequado, já que a Escola está formando outros quadros que precisam desse espaço para mostrar seu trabalho e realizar muito daquilo que tem de ser realizado em frente à Instituição.

Vértices – *Eu sempre ouvi falar que o homem público se torna um soldado do seu partido, da sua instituição etc. Não é assim?*

Roberto – Eu entendo que seja assim. É muito complicada essa questão do homem público x vida privada. Quando a vida começa a ser confundida e sem condições de ser separada ... no exercício do cargo público com funções executivas e de direção são extremamente complexas. Só o tempo é que vai fornecendo a experiência do que é ser do setor público. As pessoas que estão no setor privado às vezes fazem críticas ao setor público, algumas com fundamento, mas a maior parte das vezes não carecendo de fundamentos. O problema não é do setor público, mas das pessoas que dirigem o setor público. De qualquer forma é muito mais complicado, porque o arcabouço de legislação que você tem que cumprir para dizer que é honesto e está gerindo os recursos públicos com seriedade é sempre muito maior que no privado. Fazer as coisas acontecerem dá muito mais trabalho, você tem que prestar conta às pessoas, não é como um proprietário de uma empresa que presta conta a si próprio e os empregados prestam a ele. Então o trabalho é muito maior, e isso exige muito. E na questão do público eu considero também que eu vou continuar ajudando a Instituição, até por ter sido diretor da Escola muito novo na carreira. Quando eu assumi a direção da Escola, estava completando oito anos de Instituição, então eu estou completando agora 13 anos de Instituição, e até pelas novas regras de aposentadoria eu ainda tenho muito tempo pela carreira. Eu compreendo que vou ter outras formas de colaborar com a Instituição daqui pra frente, mas não precisa ser na condição de Diretor Geral.

Vértices – E para a Vértices, o que é que fica?

Roberto – Esse é um dos sonhos acalentados que eu escrevi no 1º número. Esse é um desafio que a gente conseguiu superar com algumas dificuldades ainda na condição de Escola. Ela começa a ganhar a maioria no sentido de se identificar como é que faz uma revista, como é que faz a sua periodicidade planejada, como ela serve de instrumento de divulgação das idéias do corpo de servidores que cada vez exige mais espaço para debater suas idéias. Eu considero que nos desafios que a gente tenha enquanto CEFET, as responsabilidades para com a revista, serão muito maiores. A Instituição sempre teve muita produção interna através do seu corpo de servidores, mas que não era divulgado e ainda existe muito mais até do que a própria revista tem capacidade de fazer divulgar. Ela é, sem sombra de dúvidas, um elemento essencial e a colaboração que ela vem tendo vai crescer cada vez mais, principalmente das pessoas que passaram pela Instituição, que a conhecem, que viveram o seu crescimento. É fundamental para assegurar o funcionamento dela, e uma forma como nós falamos na primeira reunião do conselho editorial, de manter essa relação com quem passou por aqui enquanto servidor temporário e poder voltar e ter contato com essa realidade. O próprio momento nosso aqui me deixa extremamente satisfeito de poder estar conversando com a senhora que desempenhou o trabalho de professora de línguas, de criadora da rádio Vanguarda Educativa na Escola de estimuladora sempre do papel da formação humanística no interior da Escola de hoje, que está atuando na Universidade que aqui está instalada, de ajudar nesse elo de ligação. Eu acho que é uma coisa boa e eu sinto muito, sempre, que a gente faz muito menos do que deveria e do que poderia para manter esse elo de ligação com quem já aposentou na Escola. Por aquelas atribuições todas que a gente falou antes, a gente tem idéias, não só eu, mas diversas outras pessoas, que às vezes não conseguimos levar a cabo. A urgência, o imediatismo e o pragmatismo de administrar exige acabar deixando de lado algumas coisas. Espero que possamos ter outras iniciativas neste sentido. A "Vértices" é um exemplo extremamente salutar e particularmente, para mim, muito agradável.

Dra. Arlete: Eu agradeço a você esse espaço que reservou à revista e quero dizer que eu fiz com muita alegria esse encontro nosso. Eu não tirei a camisa da Escola.